

# CARTA A UMA MÃE EM TEMPOS DE CONFINAMENTO OU DISTANCIAMENTO SOCIAL

**Timóteo Papel**

Querida Mãe!

Escrevo-te na solidão e na escuridão do meu quarto onde nem a luz do sol, muito menos a luz da lua se faz sentir. Os dias são monótonos. As noites quentes tornaram-se frias, sem vida nem graça. Mas como a esperança é a última coisa a morrer, luto para continuar vivo mesmo sem vida para viver. Na verdade tudo o que fazia sentido deixou de o fazer por causa desta situação de quarentena, distanciamento social ou sei lá isolamento, no cumprimento escrupuloso de medidas de prevenção e combate ao covid-19 ou Coronavírus. Diz-se que é um vírus que vem da China, imagina, mãe? Agora de lá não vêm apenas aqueles sapatos, chinelos, brincos e outro tipo de produtos que pela sua natureza não duram muito. Mãe deve lembrar-se daqueles baldes, calças e sapatos que comprou naquele chinês dali na esquina que nunca fizeram nem sequer um mês. Lembra! Não lembra mãe? Pois é.

Todavia, apesar de toda essa nostalgia ao passado mãe, a anterior vida que levávamos que já não era grande coisa, pois vivíamos afastados por conta das tecnologias que nos consumiam o tempo, o amor a família, aos irmãos, amigos e tudo o que era útil e deveríamos sempre ter presente, a situação actual só é chata, porque nos é imposta por uma autoridade cuja sua não obediência autoriza-se por si a usar o seu *ius imperium*. Uma imposição que nem era necessária, porque deveria ser normal a convivência das pessoas em família. As pessoas deveriam amar-se mais e aproveitar todos que estão em seu redor. As tecnologias não deveriam nunca ter substituído o outro que está bem ali diante dos seus olhos. Os outros chamam isso de modernidade líquida (Bauman), hipermodernidade (Lipovetsky), mas será que isso é alguma coisa para nós mãe? A nossa tradição não será maior e melhor que tudo isso, embora pela situação não possamos sentarmo-nos a volta da fogueira para ouvir as mais lindas histórias dos nossos antepassados?

Lembro-me quando me chamavas para buscar sal na cozinha, cortar tomate, pilar o alho, temperar a carne ou cortar a couve e eu com meu celular na mão fingia não ouvir ou simplesmente pedia mais uns minutinhos só para poder colocar um *like* na foto de um amigo ou uma amiga; responder uma mensagem num grupo de WhatsApp ou escrever alguma coisa que com certeza atrasava mais o nosso almoço ou jantar.

Não falo de pequeno-almoço, isso dizias que era para gente que respirava com os dois pulmões. E respirar com os dois pulmões para ti, mãe, ou o indivíduo deveria estar na política ou deveria ser um empresário ligado ao partido no poder. Era assim que as coisas funcionavam e ainda funcionam por aqui. E nós que nem num lado nem noutra estávamos, só podíamos respirar com um pulmão e viver graças a providência divina, pois há dias que nem tal almoço ou tal jantar existiam. Aliás nem sei porque chamo de almoço ou jantar. Será porque passávamos tais refeições as 12 horas ou as 20 horas?!

Mas essas eram apenas entrelinhas, mãe. Deixe-me, contar-te agora um pouco sobre a minha morte lenta. Disse-te no início desta carta que as noites são frias e os dias monótonos. Sim, mãe. São e muito. Na verdade este distanciamento que se impôs entre nós é mais do que uma prisão. Pois, um condenado sabe quando poderá estar junto da sua família. E nós? Quando poderemos trocar beijos e abraços no calor do dia? Quando poderemos sentarmo-nos e comer no mesmo prato a nossa xima de mandioca com *thodwe* ou com *madjembe* frito, quando tivermos óleo, porque quando não tivermos assaremos no carvão de olhos bem abertos para não queimar e perder o gosto.

Ahhh ligou-me ontem a mana Inês, desesperada e cansada e entre lágrimas contou-me que começou a arroz novo. Chorei. Chorei. Chorei feito uma criança quando está com fome ou sede. Chorei, porque como sabes e bem me conheces adoro o aroma do arroz novo, sobretudo quando feito por ti naquela tua panela de barro acompanhado com aquele peixe *ndowe* ou *mukadje* com leite de coco grosso. Também sabes que adoro *matago* e *madduguddo*. Coisas que me ensinaste a comer e a gostar. No entanto, nesses tempos de distanciamento nem o cheiro de longe posso sentir. Pior ainda, não podes mandar como fazias quando eu fosse estudar longe de casa. Por isso, mãe, a minha tristeza não tem fim. As paredes cansaram-se de consolar-me, as toalhas cansaram-se de enxugar as minhas lágrimas e o remote então, já não tem teclado, pois na busca constante de canais de informação sobre tal pandemia só vejo noticiários sobre mortes na Ásia, Europa, América, agora África, o tal continente de jovens que pelas suas condições de vida, parecem mais velhos que os velhos daqueles velhos continentes.

Querida mãe, não perguntarei como estás, pois sei que não estás nada bem. Qual mãe estaria bem sem os abraços dos seus filhos, netos e bisnetos? Como estarias bem se nem podes sair de casa para ir no velório das tuas amigas e vizinhas que dia-a-dia

sucumbem desta vida e a participação é por convite como em festas de gala? Como estarias bem se nem podes ir à comunidade rezar com as tuas amigas, vizinhas e conhecidas pelo fim desta miséria humana que Marx outrora a chamou de miséria da Filosofia? Como estarias bem se a humanidade está doente e nem a ciência pode salvar-nos agora?

No princípio, pensei como muitos que essa situação era apenas para homens brancos, aqueles que mandam no mundo, não só brancos, mas também velhos e cansados, porque lá onde é na terra de brancos não é problema ter 90 ou mesmo 100 anos. O que quer dizer que até os velhos de cá estavam isentos ou pelo menos imunes a essa pandemia. No entanto, a coisa começou a mostrar-se diferente quando ouvi que também crianças, jovens e adultos poderiam infectar-se. Aí comecei a perceber que aquele vírus não olhava para idade nem raça, muito menos fazia distinção entre ricos e pobres.

Não sei se a essas alturas que te escrevo esta carta estou habituando-me a esse confinamento, distanciamento ou sei lá isolamento social. O certo é que a situação ainda é desoladora quer no mundo fora quer internamente. Aliás, ontem mesmo ouvi pela rádio que os 39 casos positivos que tenho certeza que mãe também ouviu, dos quais 8 já estão recuperados, até um, aquele que diziam que não era positivo veio admitir publicamente que foi um dos primeiros recuperados, fala-se que em 6 meses podemos chegar a 20 milhões de infectados pelo Coronavírus. Fiquei perplexo, pois 20 milhões é muita gente, mãe. Aliás, mais da metade da população. Então inclinei-me a pensar que tratava-se apenas de 20 mil, mas quando ouvi que eram necessários 34 mil milhões de Meticais para fazer face a situação, então não tive outra opção se não acreditar.

A ser verdade mãe, só posso chorar, pois se com malária e cólera não conseguimos, será que conseguiremos com este Coronavírus? Portanto, se não receberes mais uma carta minha, não chores. Talvez terei partido não para aquele partido de oportunidades, mas para o além. E como não poderás pedir um exame para saber do que morri, ficarás com o que puderem diagnosticar que será uma febre, tensão, cólera, malária, ou mesmo que fui envenenado na bebedeira ou que aquela menina que me queria e eu não a queria enfeitiçou-me, só para justificar a minha morte, já que entre nós a morte deve sempre ter um culpado. //